

Economia

GOVERNO

A possibilidade de um congelamento de preços voltou a ser discutida no governo, como você verá nesta página.

Nos supermercados, porém, a decisão já está tomada: diante da retração do consumo, a ordem é oferecer preços baixos (página 9).

Os produtos importados, porém, vão continuar caros, apesar das novas tarifas de importação (na 10).

Sarney quer um choque

Diante de uma inflação que teima em aproximar-se dos 20%, já há sinais claros de que nos próximos meses um novo choque pode ser aplicado na economia, como as informações que o governo começa a colher sobre a experiência de diversos países que optaram pelo congelamento de preços para combater a escalada inflacionária. Essa tendência será confirmada, nos próximos dias, pela viagem que uma equipe de economistas do Banco Central e do Ministério da Fazenda fará ao México — país que desenvolve uma experiência de redução drástica da inflação por um congelamento respaldado em pacto entre governo, empresários e trabalhadores.

“Ele não vai terminar seu governo sem fazer um novo choque na economia.” Essa frase foi dita por um importante colaborador do presidente Sarney, que o acompanhou na recente viagem aos Estados Unidos. Durante a viagem, o presidente teve a oportunidade de conversar com as autoridades do México sobre os resultados do choque detonado em dezembro do ano passado.

Mas não é apenas o México que desperta a atenção do governo brasileiro. Há poucos dias estiveram na Argentina o chefe do departamento econômico do Banco Central, Sílvia Rodrigues, e o assessor especial do ministro Mailson da Nóbrega, Raimundo Moreira. Oficialmente, eles foram analisar o projeto de reformulação do sistema financeiro na Argentina, apoiado pelo Banco Mundial e que o Brasil também pretende executar.

Os economistas que viajarão ao México, segundo fontes do Ministério da Fazenda, terão a tarefa de estudar o projeto mexicano de conversão da dívida externa para estimular as exportações. “Mas nada impede que um economista atento aproveite a oportunidade para colher dados e observar o que se passa com a economia de outro país”, acrescentou uma fonte.

Um terceiro grupo de econo-

mistas desembarcará nos próximos dias em Israel, mas o ministro João Batista de Abreu, do Planejamento, garante que a missão será estudar os métodos utilizados pelo governo israelense para montar o orçamento da União com indexadores para as diversas rubricas, como quer fazer o Brasil. São estes os quatro economistas incumbidos do trabalho: Ignácio Barreira Danziatto, Mada Marília Magalhães Rocha, Fábio de Oliveira Barbosa e João do Carmo Oliveira.

Técnicos da área econômica constataam algumas semelhanças entre o estágio da economia israelense dos anos 84/85 e da brasileira de hoje. Naquele período, Israel enfrentava um alto em déficit público, uma inflação de aproximadamente 500% e uma dívida externa elevada. Além disso, o país fazia grandes transferências de divisas para o exterior, por conta da dívida e do descontrole inflacionário, que provocava a fuga de capitais.

Desde que assumiu o cargo, em dezembro do ano passado, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, tem sustentado que a decretação de um novo choque na economia, com congelamento de preços e salários, redundaria em fracasso. O déficit público — segundo ele argumentou — continuaria a alimentar pressões inflacionárias. Mas ainda durante as discussões sobre o congelamento da URP para o funcionalismo público, que se arrastaram pelos meses de fevereiro e março, o presidente Sarney chegou a se dizer favorável a um congelamento de preços, amparado, inclusive, no descontentamento da área militar, que resistia ao congelamento puro e simples do salário das corporações. A tese de Mailson, de que sem cortar o déficit o congelamento fracassaria, como ocorreu com o Cruzado e o Plano Bresser, terminou prevalecendo, mas agora o governo dá sinais de que pode optar pelo choque. “Alguma coisa vai ter que ser feita”, comentava ontem uma fonte da área econômica.

